

OTÁVIO AUGUSTO E SUA *DOMUS*: A ESCOLHA DO MONTE PALATINO E SUAS ASSOCIAÇÕES SIMBÓLICAS *

Macsuelber de Cássio Barros da Cunha **

Resumo: Neste trabalho tratamos sobre o Monte Palatino e as escavações e descobertas arqueológicas realizadas nesta área, bem como sobre a escolha do Monte Palatino para a residência de Otávio Augusto e posteriormente para a construção do complexo de Apolo, ponderando o valor simbólico que tal construção adquiriu ao se localizar neste monte que além de abrigar a lendária gruta na qual a loba amamentou os gêmeos, também foi o lugar de fundação de Roma por Rômulo, onde este teria estabelecido o primeiro pomerium; esta colina abrigava ainda os templos de Magna Mater e da Vitória, deusas importantes para a propaganda augustana.

Palavras-chave: Otávio Augusto; Palatino; “Casa de Augusto”; Arquitetura; poder simbólico.

AUGUSTUS AND HIS *DOMUS*: THE CHOICE OF THE PALATINE HILL AND ITS SYMBOLIC ASSOCIATIONS

Abstract: In this work we deal with the Palatine Hill and the excavations and archaeological discoveries carried out in this area, as well as with the choice of the Palatine Hill for the residence of Augustus and for the construction of the Apollo complex, pondering the symbolic value that such construction acquired by being located on this hill, which, in addition to housing the legendary cave in which the she-wolf suckled the twins, was also the place where Rome was founded by Romulus, where he would have established the first pomerium; this hill also housed the temples of Magna Mater and Victoria, important goddesses for Augustan propaganda.

Keywords: Augustus; Palatine; “House of Augustus”; Architecture; symbolic power.

* Recebido em: 02/04/2023 e aprovado em: 10/07/2023.

** Doutor em História na Universidade Federal de Goiás, mestrado e graduação pela mesma universidade. Desenvolve pesquisa em História Antiga sobre a escrita do *De Architectura*, de Vitruvius, no período augustano. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9448-8734>. E-mail: macsuelber@hotmail.com

Ainda no período do triunvirato, Otávio escolheu o Monte Palatino para fixar morada e foi onde ele erigiu o templo dedicado a Apolo. Sob seu governo, o Palatino passou por uma profunda transformação arquitetônica, tão conectada com o governante e seu poder que o próprio termo que designa o monte, *Palatium*, está na origem do termo “Palácio”, que passou a designar a morada dos Imperadores a partir de Augusto. No entanto, o Palatino sob o governo dele se diferia bastante daquele dos tempos remotos, pelo menos na visão dos contemporâneos do *Princeps*, como, por exemplo, na de Ovídio:

*O Palatino, que resplandece, hoje, sob os auspícios de Febo e dos
nossos chefes,
o que era, senão pasto para bois destinados a lavrar a terra?
Que os tempos idos deem gosto aos outros! Eu, por ter nascido
no presente
me congratulo; este é o tempo azado para o meu feitio,
não porque, hoje, se extrai da terra o ouro viscoso,
e porque chegam conchas recolhidas nas mais variadas praias,
não porque perdem altura os montes, de se lhes arrancar o mármore,
não porque as águas azuladas são rechaçadas pelos molhes,
mas porque existe elegância, e não permaneceu até o nosso tempo
aquela rudeza que sobreviveu aos nossos velhos avós (OVÍDIO.
Arte de Amar, III, 119-128).*

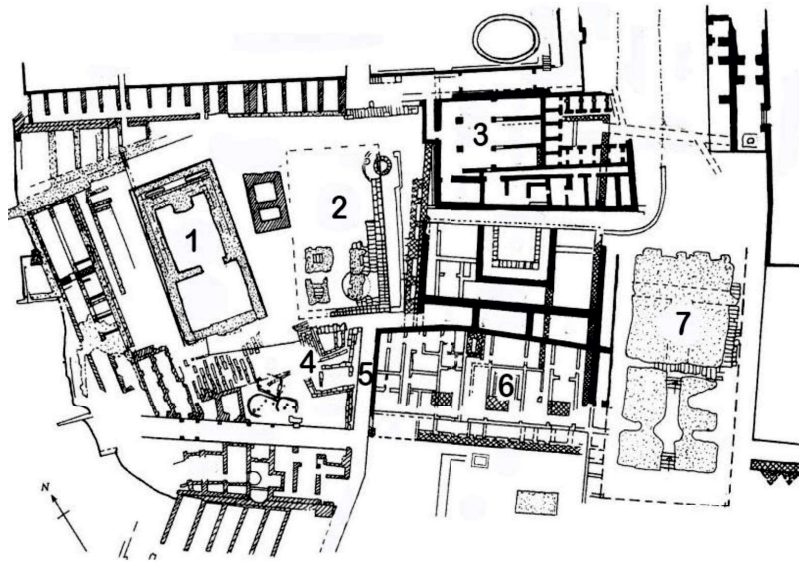
Nesta passagem, Ovídio deixa entrever a transformação pela qual passou não só o Palatino, mas Roma como um todo, demonstrando o poder territorial romano por meio das terras conquistadas, das riquezas trazidas de diversas partes do Império e da profusão de mármore utilizada na construção da cidade enquanto capital do Império.

No entanto, não é apenas por estes motivos que o Palatino era uma das colinas mais importantes de Roma e que foi escolhida por Otávio para abrigar sua morada. Uma das sete colinas, o Palatino possuía um grande significado e poder simbólico, haja vista que estava estreitamente associado à história da origem e desenvolvimento da *Vrbs*, se ligando a importantes narrativas relacionadas à fundação de Roma.

Em primeiro lugar, o monte Palatino estava associado ao primeiro assentamento de gregos arcadianos que, sob a liderança de Evandro, se instalaram na colina e nela fundaram Palanteia (VIRGÍLIO. *Eneida*

VIII, vv. 51-54). Foi Evandro que hospedou Hércules, de modo que a vegetação rasteira que recobria o Palatino serviu de pasto para os bois de Gerião (OVÍDIO. *Fastos* I, 543-546). Além disso, atribuiu-se a Evandro a construção do templo dedicado à deusa Vitória (Fig. 1, n. 2), no Palatino (DIONÍSIO DE HALICARNASSO. *Das Antiguidades Romanas*, I, 32. 5). Esse templo teve também um papel de destaque no que se refere à importância simbólica que a deusa Vitória desempenhou no governo de Augusto, pois este tema iconográfico foi bastante utilizado pelo *Princeps*, de modo que as representações iconográficas da deusa estavam presentes nos mais variados suportes (moedas, relevos, estátuas etc.). E, como vemos mais adiante, sua casa sobre o Palatino ficava bem próxima ao templo dedicado à deusa (Fig. 1).

Figura 1



Planta atual da parte sudoeste do Monte Palatino. 1) Templo de *Magna Mater*; 2) Templo de Vitória; 3) “Casa de Livia”; 4) Cabana de Rômulo; 5) *Scalae Caci*; 6) “Casa de Augusto”; 7) Templo de Apolo

Fonte: CLARIDGE, 2010, p. 130.

Próximo ao templo dedicado à Vitória existia outro importante templo que também possuía relação com as narrativas de fundação de Roma; trata-se da construção dedicada à *Magna Mater* (Fig. 1, n. 1). O papel da deusa na ideologia augustana não é, de forma alguma, secundário, já que ela representa o polo troiano, propriamente dito, de toda a reconstrução cultural. Esta era a deusa protetora de Eneias no momento de sua fuga de Troia, de modo que, ao aportar na costa do Lácio, ele dirigiu suas preces a duas divindades: Júpiter do Ida e Cibele Frígia (VIRGÍLIO. *Eneida* VII, vv. 135-140). A deusa conseqüentemente se tornou protetora de Roma também.

No Palatino ficava também a gruta Lupercal, o local onde Fáustulo encontrou a lendária loba amamentando os gêmeos Remo e Rômulo. De acordo com Dionísio de Halicarnasso (*Das Antiguidades Romanas*, I, 79. 8), já no tempo de Evandro e dos arcadianos, o Lupercal era um lugar sagrado e inicialmente era cercado por um bosque e da gruta jorrava uma fonte. Consagrada a Pan, a gruta recebeu a loba com os gêmeos e por isso, no tempo de Dionísio, abrigava uma estátua comemorativa antiga em bronze, que representava a loba amamentando os dois bebês. O Lupercal foi restaurado por Augusto (*Feitos do Divino Augusto*, XIX), o que expressa a importância simbólica da gruta para a propaganda do *Princeps*, considerado o novo Rômulo.

A associação entre Augusto e Rômulo se deu também com relação a outros aspectos, haja vista que a ligação entre o Palatino e Rômulo era enorme e não se restringia somente ao Lupercal. Rômulo teria fundado Roma sobre o Palatino, estabelecendo em torno desta colina o primeiro *pomerium*, bem como as primeiras muralhas, de modo que tais feitos de Rômulo se ligavam à noção de *Roma Quadrata*, noção de importante poder simbólico.

De acordo com Coarelli (1999, p. 207-209), os testemunhos literários sobre a *Roma Quadrata* aludem claramente a duas coisas distintas: a primeira coincide com todo o Palatino e a segunda com um pequeno monumento construído próximo ao Templo de Apolo Palatino. Alexandre Grandazzi (1993) traz importantes questionamentos e informações sobre este assunto, esclarecendo que a ideia de uma *Roma Quadrata* tem mais de mito que de realidade e embora não tenha sido criada na época de Augusto, foi utilizada por ele com objetivos específicos, dentre os quais, se associar a Rômulo.

Também era no Palatino que se localizava a lendária cabana de Rômulo (Fig. 1, n. 4), um local importante que foi preservado como um monumen-

to histórico ao longo da história romana. De modo que foi próximo a essa cabana que Otávio escolheu viver a partir de 43 a.C., quando ele passou a morar na modesta casa que havia sido de Hortênsio (SUETÔNIO. *A Vida dos Doze Césares*, Vida de Augusto, LXXII).

Percebemos assim a importância da colina Palatina e de suas construções no que se refere à história romana e às narrativas de fundação. Tal carga simbólica foi amplamente utilizada por Augusto e por aqueles que propagavam a imagem do *Princeps* enquanto um novo Rômulo, refundador da cidade e fiel aos aspectos mais tradicionais da *Res Publica*. Esta parte do Palatino funcionava como um lugar de memória onde ela era conservada e trabalhava de modo que fosse evitado o esquecimento.

Escolher a colina palatina como morada foi, portanto, uma forma de se ligar às associações mitológicas e às histórias de fundação que possuíam um forte apelo topográfico, mas foi também uma forma de se inserir na tradição, já que o Palatino era tradicionalmente o local de morada da aristocracia romana. Sendo assim, podemos afirmar que a inovação de Otávio não se ligou à escolha do Palatino, mas ao modo como ele se utilizou do repertório mitológico e imagético relacionado à colina, além de construir, posteriormente, o Templo de Apolo ligado à sua casa, juntamente com todo um complexo arquitetônico.

No entanto, primeiramente convém tratarmos, mesmo que de modo rápido, acerca das escavações realizadas nesta parte do Palatino, de alguns dos achados e das descobertas realizadas, bem como das hipóteses e conclusões apresentadas pelos pesquisadores.

As primeiras escavações e estudos nesta área remontam à segunda metade do século XIX, sob a responsabilidade de Pietro Rosa, que entre 1862 e 1873 conduziu uma campanha de escavação na área sudoeste do Palatino, fazendo importantes descobertas e trazendo à luz o que sobrou de algumas construções do período, embora tenha se equivocado na identificação de alguns dos achados. Dentre as estruturas identificadas, as principais são: o templo de Apolo, que ele acreditava ser de *Iupiter Invictus*; um cripto-pórtico a leste do templo e que se ligava à denominada “Casa de Lúvia”¹ (Fig. 1, n. 3); o templo de *Magna Mater*; e a chamada “Casa de Augusto” (Fig. 1, n. 6).

Em 1879, F. Von Reber suspeitou que o templo identificado como sendo de *Iupiter Invictus* era na verdade o templo de Apolo. Sua opinião foi am-

plamente aceita. Em 1914, O. L. Richmond fixou a posição do templo de Apolo, da casa de Augusto e da cabana de Rômulo na mesma área. A partir de uma reavaliação, Richmond definiu que a denominada “Casa de Livia” seria a casa de Otávio que pertencera a Hortênsio, e que o criptopórtico a conectaria ao templo de Apolo.

Em 1921, G. Boni, com o auxílio do arquiteto Ciacchi, escavaram subestruturas abaixo da “Casa de Augusto” e do templo. A. Bartoli, em 1937, removeu dois metros de detritos da área entre o templo de Apolo e as *scalae Caci* (Fig. 1, n. 5), trazendo à luz fragmentos de tetos abobadados de concreto, pertencentes à “Casa de Augusto”.

Os estudos sobre as fundações do templo e sobre um fragmento de coluna, realizados por G. Lugli, em 1951, resultaram na primeira reconstrução da planta do templo, bem como resultou numa nova disposição topográfica de alguns elementos. Entre 1956 e 1983, G. Carettoni retomou as escavações de Bartoli na área entre o templo e as *scalae Caci*, desenterrando os dois pátios do terraço inferior, a biblioteca e partes do templo. Geralmente a interpretação de Carettoni dos restos foi baseada em evidências literárias e não arqueológicas ou estruturais. Em 1968, H. Bauer apresentou os primeiros desenhos em escala de fragmentos arquitetônicos da área e documentou três fragmentos de capitéis coríntios do templo.

Nos anos 1990, temos as reflexões de P. Zanker, P. Gros e W. Strocka sobre a importância ideológica do programa arquitetônico e em particular do programa iconográfico do templo de Apolo e da “Casa de Augusto”, bem como as contribuições de Patrizio Pensabene, cujo estudo de 1997 tratou tanto da arquitetura quanto da topografia religiosa do pátio oeste da “Casa de Augusto”. Um componente-chave deste trabalho foi uma reconstrução do pátio oeste, tanto em planta como em elevação.

Nos últimos 20 anos, se multiplicam as publicações, de modo que diversos autores fizeram importantes contribuições com seus trabalhos e pesquisas referentes a esta parte do monte Palatino.

No ano 2000, a partir de fragmentos arquitetônicos de mármore encontrados na área, Maria Antonietta Tomei publicou um estudo no qual atribuiu tais fragmentos ao arco palatino de Otávio, arco este que teria sido dedicado por Otávio a seu pai biológico. Em 2014, ela foi responsável pelo catálogo do Museu Palatino, publicado em comemoração aos dois mil anos da morte de Augusto.

Em 2006, as autoras Irene Iacopi e Giovanna Tedone apresentaram o primeiro plano detalhado da área e estabeleceram uma nova sucessão de fases de construção, bem como uma reconstrução completa (em planta baixa) do santuário de Apolo e das casas de Otávio/Augusto. A descoberta mais inovadora delas foi que, diferentemente do que afirmava Caretoni, a grande praça em frente ao templo não era parte de uma renovação Flaviana do santuário. Com base em observações estruturais e arqueológicas, as autoras atribuíram a construção da praça ao santuário palatino de Otávio, que, portanto, soterrou os pátios leste e oeste que existiam em sua casa. À luz deste resultado, Iacopi e Tedone estabeleceram uma nova história de construção do local e sugeriram identificar a denominada “Casa de Augusto” com a estrutura na qual Otávio viveu entre 42 a.C. e 31 a.C.

No ano de 2008, tivemos importantes publicações. Dentre as quais se destaca a de Andrea Carandini e Daniela Bruno, que apresentaram a primeira obra abrangente sobre a arquitetura do lugar e sua topografia histórica, de Rômulo a Constantino. Tal obra é em grande parte uma síntese de estudos anteriores. Tivemos também neste ano o artigo de Stephan Zink, no qual ele apresentou uma nova planta do templo e uma reconstrução em 3D de sua fachada, o que foi baseado principalmente em uma nova documentação arqueológica tanto das fundações colunares quanto de fragmentos arquitetônicos do templo.

Em 2012, tivemos a obra de F. Coarelli sobre o Palatino, na qual ele reafirmou que a casa de Otávio anterior a 36 a.C. correspondia a de Hortênsio, bem como sua ampliação, com dois peristilos, foi soterrada para a construção do templo de Apolo.

A obra que podemos considerar a mais completa, relevante e atual surgiu em 2017, quando P. Pensabene publicou uma grande obra, dividida em dois tomos, versando sobre a colina Palatina e suas construções. Sua obra demonstra erudição e profundo conhecimento das fontes materiais e escritas, contendo muitas plantas, reconstruções e fotografias dos sítios arqueológicos e dos itens escavados, além de conter uma análise das escavações realizadas desde P. Rosa, e um rico catálogo dos materiais escavados, organizados por período e material utilizado.

Apesar de propiciar diferentes hipóteses e reconstituições, todas estas escavações, além dos estudos e publicações que delas resultaram nos permitem compreender melhor o complexo arquitetônico desenvolvido por

Augusto ao longo de seu governo. E mesmo não havendo um consenso entre os especialistas com relação a alguns aspectos do complexo, seguimos aqui a tendência de grande parte da historiografia atual.

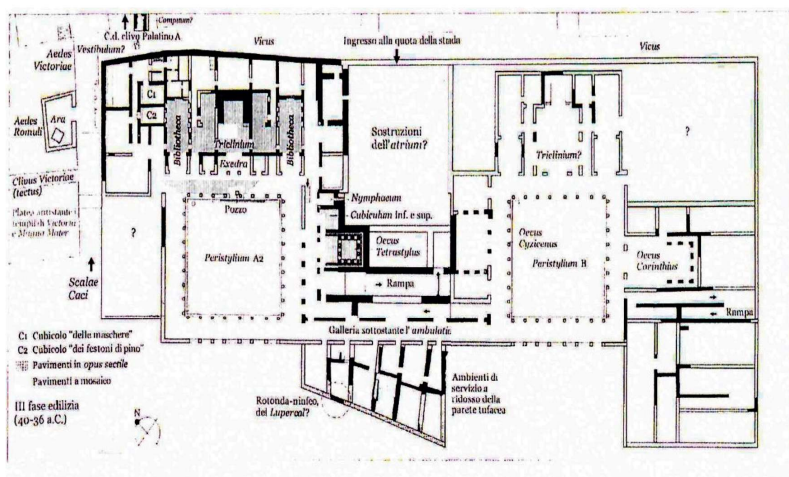
Sendo assim, podemos dizer que a primeira casa de Otávio sobre o Palatino, onde ele passou a viver a partir de 42 a.C., e que havia sido de Hortênsio anteriormente, se relaciona com as estruturas hoje denominadas de “Casa de Augusto” (Fig. 1, n. 6). A partir do que sobrou da estrutura, sabemos que ela era constituída por dois pisos e possuía um peristilo centralizado ao sul da construção principal.

De acordo com Suetônio, a casa de Otávio, que havia sido de Hortênsio, era uma moradia modesta, “não atraente nem pelo tamanho nem pelo luxo” (*A Vida dos Doze Césares*, Vida de Augusto, LXXII). Se tivermos em mente a casa de Augusto, depois que o templo de Apolo já tinha sido construído, ou seja, aquela pós-reformas e ampliações, iremos dizer que tal passagem de Suetônio não passa de um *topos* literário que se coaduna com a propaganda moralizante de Augusto. No entanto, não concordamos que seja um “simples *topos* literário”, e sim que tal passagem esteja relacionada à primeira fase da casa de Otávio, de 42 a.C. a 36 a.C.

Sobre este aspecto, Coarelli (2012, p. 374-375) afirma que é difícil definir como “luxuosa” uma casa nesse estilo, principalmente aos olhos de Suetônio, que escreveu sua obra no século II d.C., período no qual Roma já tinha sido palco de luxuosos e grandiosos palacetes imperiais. Nesta mesma perspectiva, Pensabene (2017, t. 2, p. 50) esclarece que essa casa de Otávio corresponde ao padrão médio das casas pompeianas. De tal forma que o adjetivo “luxuosa” é mais bem utilizado para se referir à segunda fase do complexo residencial, quando Otávio iniciou a ampliação de sua residência se utilizando de várias casas, que segundo Veleio Patérculo (*História Romana*, II, 81. 3), ele havia garantido por compra através de seus procuradores.

A ampliação compreendia construções a leste e sul da casa de Otávio, que anteriormente se limitava ao redor do peristilo ocidental. Com a ampliação foi construído, de modo simétrico, um segundo peristilo a leste e uma série de ambientes ligando os dois, com uma entrada monumental centralizada entre ambos peristilos (Fig. 2). De cada lado desta entrada monumental havia um portal de acesso a outros ambientes, bem como mais dois portais de acesso, um para cada peristilo. Os cinco portais se abriam para um pórtico (Fig. 3).

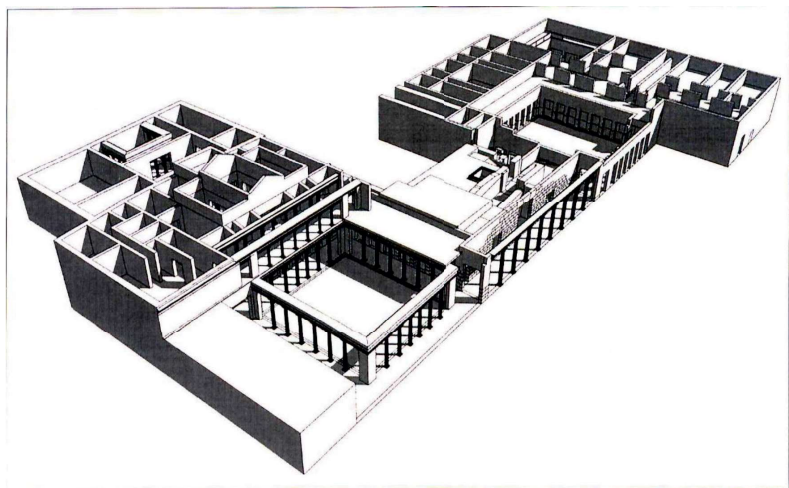
Figura 2



Planta ricostrutiva da segunda fase da casa de Otávio.

Fonte: PENSABENE, 2017, t.2, p. 51.

Figura 3



Reconstituição da segunda fase da casa de Otávio.

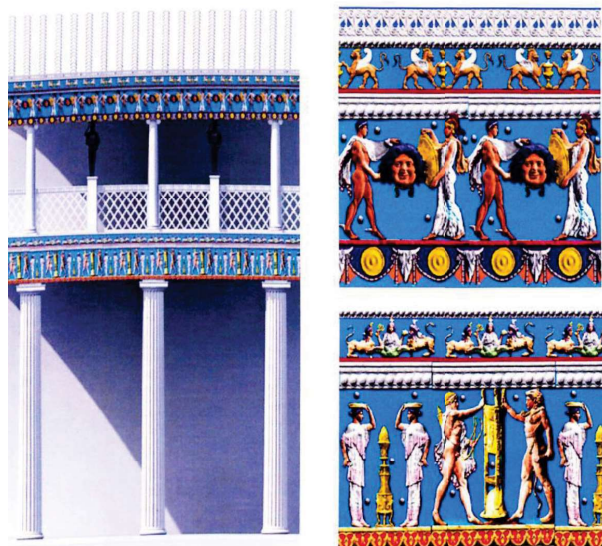
Fonte: PENSABENE, 2017, t. 2, p. 55.

Com a queda do raio em 36 a.C., este projeto de ampliação foi abandonado, dando início à terceira fase, quando foi iniciada a construção do complexo do templo de Apolo. Para tanto, foi necessário fechar com paredes alguns dos portais existentes, construir muros de contenção e soterrar ambos peristilos e tudo que havia entre eles², de modo que, depois de soterrado, este espaço serviria de base para a área em frente ao templo, local denominado de Área *Apollinis*. De acordo com Pensabene (2017, t. 2, p. 53-55), a presença de construções finalizadas e decoradas juntamente com outras incompletas (principalmente na parte soterrada que se localiza entre os dois peristilos), serve para comprovar a interrupção do trabalho de ampliação da casa de Otávio, em 36 a.C., para a construção do templo de Apolo.

Foi nas escavações realizadas por Caretoni, em 1968, nesta área entre os peristilos, em que foram encontrados diversos fragmentos de ornamentos arquitetônicos e placas em terracota. Inicialmente acreditava-se que se tratava da decoração do templo de Apolo ou dos pórticos próximos ao templo, de modo que para alguns, a iconografia de tais placas representariam a rivalidade entre Otávio e Antônio. No entanto, dada a localização onde foram encontradas e o material em que foram confeccionadas, o mais provável e aceito é que tais placas decorassem a casa de Otávio, seja da primeira ou da segunda fase.

Em sua proposta reconstrutiva, Pensabene (2017, t. 2, p. 408-412) defende que as placas de terracota decorariam as arquitraves sobre as colunas do piso inferior e do piso superior da casa de Otávio (**Fig. 4**).

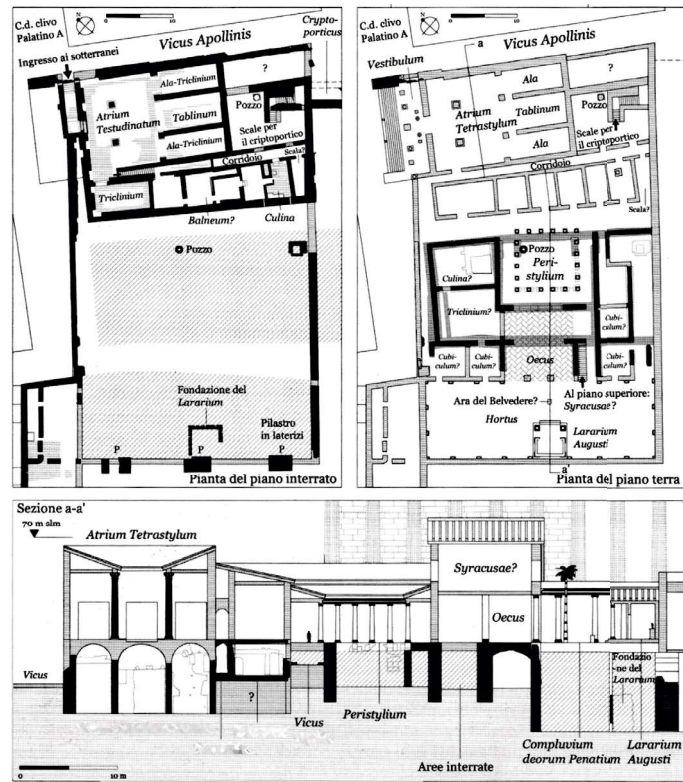
Figura 4



Casa de Otávio. Hipótese reconstrutiva da fachada ao norte do peristilo ocidental e placas de terracota coloridas. Fonte: PENSABENE, 2017, Tav. 1.

No que se refere ao soterramento da “Casa de Augusto”, Pensabene (2017, t. 2, p. 55) esclarece que o mesmo não foi instantâneo, de modo que alguns ambientes continuaram sendo acessíveis, principalmente aqueles próximos as *scalae Caci*, que foram integrados com novos muros e que teria, segundo o autor, se transformado em local de culto conectado com *Magna Mater*. As outras partes da “Casa de Augusto” foram soterradas, de modo que serviram de base para a construção da terceira fase do complexo residencial de Otávio, pós 36 a.C. Nesta fase, além de ocupar o espaço sobre a “Casa de Augusto”, as construções ainda se estendiam a nordeste, englobando a denominada “Casa de Livia”, o que formaria a parte privada do complexo (Fig. 5a e 5b), pois, após concluído, o complexo residencial de Augusto possuía uma parte privada, do lado ocidental do templo de Apolo, e uma parte pública do lado oriental, já que após ter se tornado *Pontifex Maximus*, em 12 a.C. ao invés de ir residir na residência oficial do *Pontifex Maximus*, a *Domus Publica*, que ficava no Fórum Romano, ele transformou a parte de sua casa que ficava a leste do templo de Apolo em *Domus Publica*, além de trazer Vesta para residir ali.

Figura 5



Casa de Otávio depois de 36 a.C. Planta e seção reconstitutiva.

Fonte: CARANDINI, 2010, p. 222.

Figura 5b



Hipótese reconstitutiva em 3D da casa de Otávio após 36 a.C.

Fonte: CARANDINI; CARAFA, 2012.

O que hoje denominamos de “Casa de Livia” se tornou estruturas subterrâneas sobre as quais se elevava o piso superior de parte da casa que Otávio passou a ocupar após 36 a.C. Com as escavações, pudemos conhecer muito do que sobrou destas estruturas subterrâneas (**Fig. 1**, n. 3), de modo que sabemos que a mesma possuía uma entrada do lado noroeste, em forma de corredor, que dava acesso a uma câmara espaçosa, a partir de onde se abria mais três outros espaços.

No que se refere à parte do complexo residencial de Augusto que se localizaria a leste do templo de Apolo, Coarelli (2012, p. 396) esclarece que é impossível reconstruir o aspecto original devido à total reestruturação da área no período neroniano e, sobretudo, no período dos Flávios. Segundo este autor, o nome *domus August(i)ana*, como ficou conhecido o palácio de Domiciano, provavelmente se derivava do termo *domus Augusti*, alusão direta à casa de Augusto.

As dimensões deste setor da casa de Augusto permanecem desconhecidas: ela se estendia a norte, pelo menos até a altura da “Casa de Livia”, como demonstram as galerias subterrâneas que dela se dirigiam para leste, certamente para estabelecer uma conexão com o setor oriental do complexo (COARELLI, 2012, p. 397).

Além destas galerias que ligavam as construções a oeste do templo com as realizadas à leste, havia também as galerias/criptopórticos que conectavam a denominada “Casa de Livia” ao templo de Apolo, o que demonstra a estreita relação entre a residência do *Princeps* e o templo dedicado ao seu deus patrono. Além disso, apesar de serem construções separadas do mesmo complexo residencial, localizando-se à leste e oeste do templo de Apolo, segundo Tomei (2014, p. 44), as duas se conectavam por uma “densa rede de ruas internas, galerias subterrâneas e criptopórticos”.

*Otávio, ao se colocar como restaurador de Roma, não se limitou a morar próximo à primeira cabana, mas ocupou com sua domus toda a superfície da cidade de Rômulo, com um significado ideológico de relevância muito maior. [...] Na realidade é com Augusto, e não com os Flávios, que o termo *Palatium*, do originário significado topográfico de Palatino, passou a indicar aquele de “Palácio” dinástico por excelência (TOMEI, 2014, p. 44).*

A grandiosidade do complexo residencial de Augusto não se expressava apenas pelo conjunto arquitetônico e pelo tamanho da construção que flanqueava o templo de Apolo à leste e oeste, o que por si só já seria admirável. Sua grandiosidade estava também nas associações topográficas e simbólicas estabelecidas pelo *Princeps*, que residia numa das colinas mais importantes de Roma, relacionada à própria origem da *Vrbs*, na qual ficavam os templos de *Magna Mater* e Vitória; o complexo arquitetônico do templo de Apolo (inaugurado em 28 a.C.), com seus pórticos (inaugurados em 25 a.C.), o bosque sagrado e as bibliotecas; o monumento de *Roma Quadrata*; o Lupercal; entre outros. E além de toda essa relevância simbólica, a casa do *Princeps* ostentava ainda importantes símbolos que a enobrecia e a diferenciava das demais residências. Trata-se dos loureiros e da *corona ciuica* que adornavam sua porta. Tais honrarias foram conferidas a Augusto em 27 a.C.

Em sua obra *Tristes*, Ovídio coloca seu livro como partícipe da trama, de modo que cabe ao livro ir a Roma interceder junto a Augusto pelo seu autor. Em seu percurso, o livro passa pelo Palatino e descreve a casa do *Princeps*, que Ovídio iguala a Júpiter.

Então, virando-se para a direita, “Essa”, disse, “é a porta do Palatino, aqui está Stator, neste lugar, primeiro foi Roma fundada”. Enquanto eu me maravilhava com uma coisa após a outra, vi portais notáveis por suas armas reluzentes e uma morada digna de deus! “Esta é também a morada de Júpiter?”, eu disse, e por tal pensamento uma coroa de folhas de carvalho deu à minha mente o augúrio. E quando eu compreendi seu senhor, eu disse, “não nos enganamos”; “é verdade que esta é a casa do poderoso Júpiter. Mas por que a porta é protegida por loureiros diante dela, sua folhagem escura cercando as augustas portas? Pode ser porque essa casa mereceu um triunfo perpétuo ou porque sempre foi amada pelo deus Leucadiano? É porque a própria casa é cheia de alegria ou porque enche todas as coisas de alegria? é uma marca daquela paz que deu ao mundo?”

*E como o loureiro é sempre verde, sem folhas murchas para serem
arrancadas,
também a casa possui uma glória eterna?
A razão para a colocação da coroa é mostrada por uma inscrição:
declara que por sua ajuda os cidadãos foram salvos [...]” (OVÍDIO.
Tristes III, 1, 31-49).*

Em sua descrição, Ovídio mencionou os loureiros diante da porta de Augusto e, por meio das perguntas que lançou, realçou aos olhos do leitor os significados simbólicos que os mesmos portavam. Deste modo, percebemos que Ovídio destacou a ligação dos loureiros com os aspectos triunfais e sua relação com Apolo, o deus Leucadiano; além disso, o autor coloca Augusto como aquele que trouxe paz ao mundo e como detentor de glória eterna. No fim desta passagem, é explicada a razão para a colocação da coroa de folhas de carvalho, ou seja, por ter salvado os cidadãos.

Por fim, devemos ressaltar o modo como os contemporâneos de Augusto, como Ovídio, percebiam o complexo arquitetônico construído pelo governante no Palatino. Depois de 12 a.C., o complexo possuía, como vimos, três partes distintas: uma delas constituída pela *domus* privada, destinada a Augusto; a outra constituída pelo templo, pórticos, bosque sagrado e bibliotecas, destinada a Apolo; e a outra constituída pela *domus* pública, destinada a Vesta. Tal realidade demonstrava claramente a importância religiosa e a aura de sacralidade com que Augusto foi se cercando, em tal medida que para Ovídio tal parte do Palatino era habitada por três deuses:

*Febo possui u'a parte; a outra foi dada a Vesta;
têm a terceira parte o próprio César.
Vivei, ó louros palatinos e carvalhos:
têm três deuses eternos u'a só casa (OVÍDIO. Fastos IV, 951-954).*

Fica evidente, a partir do que foi analisado até aqui, a importância que o Palatino desempenhou na construção e perpetuação de um imaginário relacionado a Augusto e sua morada. De modo que o *Princeps* não só passou a residir na colina em que Roma foi fundada, próximo à antiga residência do fundador, como passou a ser visto como o novo fundador de Roma, que além de dividir o Palatino com importantes divindades para a religiosidade romana, como Vitória e *Magna Mater*, ainda trouxe Vesta e seu deus patrono, Apolo, para residirem juntos a ele.

Documentação escrita

- AUGUSTUS. *Res Gestae Divi Augusti*. Trad. de M. Trevizam; P. S. Vasconcellos; A. M. Rezende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- DIONYSIUS OF HALICARNASSUS. *The Roman Antiquities*. (The Loeb Classical Library). Trad. Earnest Carry. London: William Heinemann, 1960.
- OVID. *Tristia*. (The Loeb Classical Library). Trad. Arthur Leslie Wheeler. London: William Heinemann, 1939.
- OVÍDIO. *Arte de Amar*. Trad. de Carlos Ascenso André. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Fastos*. Trad. de Márcio Meirelles Gouvêa Junior. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- SUETÔNIO. *Vida de Augusto*. Trad. de M. Trevizam; P. S. Vasconcellos; A. M. Rezende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- VELLEIUS PATERCULUS. *Roman History*. (The Loeb Classical Library). Trad. Frederick W. Shipley. Harvard: University Press, 1966.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. de Carlos A. Nunes. São Paulo: Editora 34, 2016.

Referências bibliográficas:

- CARANDINI, A; CARAFA, P. *Atlante di Roma antica*. Biografia e ritratti della città. Testi e immagini. Milão: Electa, 2012. t. 1.
- CARANDINI, Andrea; BRUNO, Daniela; Fraioli, F. *Le case del potere nell'antica Roma*. Roma: Editori Laterza, 2010.
- CLARIDGE, Amanda. *Rome*. An Oxford Archaeological Guide. Oxford: University Press, 2010.
- COARELLI, Filippo. *Palatium: II Palatino dalle origini all'Impero*. Roma: Quasar, 2012.
- COARELLI, Filippo. Roma Quadrata. In: STEINBY, E. M. *Lexicon Topographicum Urbis Romae*. Roma: Edizioni Quasar, 1999, p. 207-209.
- GRANDAZZI, Alexandre. La Roma quadrata: mythe ou réalité? *Mélanges de l'Ecole française de Rome. Antiquité*, tome 105, n. 2. p. 493-545, 1993.
- PENSABENE, P. *Scavi del Palatino: Culti, architettura e decorazioni*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2017, t. 2.
- TOMEI, M. A. Augusto sul Palatino. In: GASPARRI, C.; TOMEI, M. A. *Museo Palatino: le collezioni*. Milão: Electa, 2014.

Notas

¹ Tal construção é denominada de “Casa de Livia” devido ao fato de que, durante as escavações arqueológicas, nela foram encontrados canos de chumbo (*fistulae*) com o nome *Iulia Augusta*, título que Livia recebeu após 14 d.C, ano da morte de Augusto, que em seu testamento adotou Livia.

² Tal processo de soterramento foi o responsável pela preservação e conservação das estruturas encontradas nas escavações.